

Apresentação

1. Dedicatória

O presente número de *Estudos Teológicos* é dedicado ao colega *Richard H. Wangen*, que se aposentou a 1º de julho deste ano. Wangen, de origem norte-americana, atuou inicialmente em Curitiba-PR, onde, desde 1956, foi pastor de universitários e da juventude. Desde 1971 atuou na EST como docente na área da Clínica Pastoral, tendo desenvolvido trabalho pioneiro neste campo dentro da IECLB. Este seu trabalho é apreciado e lembrado por praticamente toda uma geração de pastoras/es.

No país não mediu esforços pela causa da Justiça e Não-Violência, bem como pela causa da Paz.

No dia 20 de junho recebeu, juntamente com sua esposa Dorothy, uma homenagem de despedida por parte de funcionários/os, professoras/es e estudantes da EST. Assim como já frisado na ocasião, gostaríamos de externar mais uma vez nossa profunda gratidão e admiração pelo seu trabalho, bem como nossos votos de plena realização e felicidades no porvir.

Para este número solicitamos-lhe também um artigo de cunho teológico prático. O autor nos enviou o estudo sobre: “A Fé que Atua pelo Amor (Gl 5.6)”.

Wangen confessa-se admirador do “ofertório” realizado nas comunidades eclesiais de base, a saber, aquele “momento de dedicação específica dos dons, trabalhos e lutas dos membros dentro do próprio culto”. O artigo propõe o estudo da possibilidade de reabilitação do ofertório dentro da liturgia protestante, oferecendo fundamentos teológicos e sugestões práticas neste sentido.

2. Introdução ao Tema: 500 Anos de Conquista e Evangelização

Estamos em meados do século XVII ouvindo uma pregação do padre Antônio Vieira: “A incapacidade de se expressar é a situação do Brasil e a principal causá de seus males. Por esta razão, nada foi mais difícil para Cristo que curar um possesso mudo (Mc 9 ?). A pior crise enfrentada pelo Brasil durante esta sua enfermidade foi silenciar sua fala.” A própria imposição da língua parecia ser um projeto intencional, como revela o Prólogo de *La Gramática Castellana* de Antonio de Nebrija onde escreve, na época das conquistas, à Rainha de Espanha:

A língua sempre acompanhou a dominação e a seguiu, de tal modo, que jun-

tas começaram, juntas cresceram, juntas floresceram e, afinal, sua queda foi comum. Quando em Salamanca apresentei este trabalho a Vossa Majestade, me perguntastes para o que poderia ele servir. O Reverendíssimo Bispo de Ávila antecipou minha resposta, e falando em meu lugar, disse que, desde que Vossa Majestade havia imposto seu jugo a numerosos povos bárbaros e a nações de línguas diferentes, em consequência da derrota, eles estariam na obrigação de receber as leis que o vencedor aplica ao vencido, e então, esses os últimos poderiam adquirir o conhecimento delas pela minha gramática.

Octavio Paz encapsula bem este sentimento ao descrever a vida e obra de Sor Juana Inez de la Cruz, Juana de Asbaje (1651-1695), que representa uma das figuras mais brilhantes da intelectualidade latino-americana. No final de sua vida recolhe-se ao silêncio, que para Paz já é uma metáfora da situação cultural do continente:

Sua imagem é de uma solitária melancólica que sorri e cala. O silêncio, disse ela em algum lugar, está povoado de vozes. E o que nos diz o seu silêncio? Se na obra de Sor Juana a sociedade colonial se expressa e afirma, em seu silêncio esta mesma sociedade se condena... implacavelmente fechada a toda expressão pessoal, a toda aventura. Um mundo fechado ao futuro.

O tema é recorrente. A América Latina é o único continente no mundo definido por uma suposta raiz lingüística (o latim) que não lhe é nem comum, nem originária (na verdade foi uma criação da França de Napoleão III). É o mundo que outros nomearam, porque sua voz foi calada e suprimida, apenas gritos, maldições ainda restam.

Em uma obra tardia de Shakespeare, *A Tempestade* (1616), o grande poeta já percebera o significado da conquista quando assim apresenta Caliban, o nativo:

Próspero — Veremos Caliban, meu escravo que nunca nos dá uma resposta educada.

Miranda — Este é um vilão, meu senhor. Não gosto de olhá-lo.

Próspero — Seja como for, não podemos dele prescindir. É ele quem faz nosso fogo, recolhe a lenha e nos serve nas nossas atribuições. Isto nos é vantajoso. Ei escravo! Caliban! Tu que estás aí, fala!

Caliban — Há madeira suficiente em casa.

Próspero — Venha, te digo. Há mais o que fazer. Vamos, sua tartaruga! Vamos! Escravo venenoso, tomado pelo diabo! Maldito, mexa-se!

Caliban — Preciso cear. Esta ilha é minha por Sicorax, minha mãe. Tu a tomaste de mim, quando primeiro aqui chegaste. Vieste a mim e me enganaste. Darias-me água com cereja e ensinar-me-ias a nomear os astros maiores e os menores que queimam como tochas de dia e de noite. Então eu gostei de ti. Então mostrei-te todas as qualidades desta ilha: as fontes de água fresca, os lugares áridos e férteis. Maldito seja eu que assim o fiz. Que todos os feitiços de Sicorax, sapos, besouros, morcegos, caiam sobre ti. Ensinaste-me tua língua, e meu proveito nisto é que aprendi a amaldiçoar. Que a praga rubra te tome por me teres ensinado tua língua.

500 anos de conquista ou missão? A alternativa é pertinente. Tornou-

se impossível dissociar o empreendimento conquistador do missionário. Calou-se a fala dos povos desse continente. E a pergunta que resta é radical, excludente. Ou o que tivemos foi missão, ou conquista. Não um pouco de conquista e um pouco de missão. Se isto não parece muito, o que está sendo dito tem a ver com o que entendemos por evangelho. Não existe um pouco de evangelho, ou um meio evangelho. Ou foi evangelho ou não foi. Se foi, resta assumir as conseqüências de atá-lo ou confundi-lo com a espada. Um caminho deveras possível de ser seguido, embora o embaraço geral e as brutalidades incontestáveis não permitam tomá-lo muito a sério. A pergunta mais séria parece ser a do que foi feito do evangelho nos 500 anos de conquista. Seu envolvimento com a empresa conquistadora, o calar da voz dos povos desta terra e de todas as gentes cujas vozes foram caladas na mesma terra, erguem a pergunta sobre as condições de possibilidade para o anúncio hoje de tal boa-nova.

Heidegger dizia que a língua é a morada do ser. Ao destruir esta morada a conquista destruiu a possibilidade mesma da comunicação. O evangelho como atividade-fim da atuação pastoral perdeu o seu meio e transformou-se em instrumento de poder. José Carlós Mariátegui, o filósofo peruano do início deste século, já tinha clareza sobre isso quando afirmou: “Os missionários não impuseram o evangelho. Impuseram o culto, a liturgia.” A missão foi extensão da empresa política. Isto pode ser confirmado por Antônio Vieira (sempre bom na diagnose e péssimo na terapia), que diz de Portugal o que também valia para a Espanha: “Nos outros países nós temos soldados e temos clérigos; em Portugal, os clérigos são soldados e os soldados são clérigos.”

A destruição da língua é apenas indicação de uma destruição dos povos e de suas culturas. A questão não está em ser o Cristo com elas identificável ou que nelas resida em latência. Não se trata de discutir se existe um cristianismo anônimo (Rahner) ou uma Igreja latente (Tillich). A questão é bem mais elementar e sumamente ortodoxa. Quando Calcedônia definiu, em meados do século V, as disputas sobre a pessoa de Cristo com a fórmula da *communicatio idiomatum*, estava não só a dizer que os atributos humanos e divinos são comunicáveis entre si, mas também que a forma em que estes atributos são expressos (os idiomas) possui a mesma comunicabilidade. Destruída a cultura, a língua e o próprio povo, destruiu-se a possibilidade da comunicação do evangelho, desfez-se a realidade da encarnação. Dividiu-se o que deve ser distinguido, mas não separado. Nada mais que a repetição de uma antiga heresia que se chamava de gnosticismo. Os melhores e mais bem intencionados projetos evangelizadores na América Latina foram, no máximo, continuação dos ensinamentos de um Marcião.

Creio que aí esteja a tarefa mais urgente da teologia. Pode-se dizer que se trata de uma tarefa de exorcismo, de retirar o espírito demoníaco que cala a voz e não permite a expressão autêntica de uma pessoa ou de uma nação. (Frequentemente possessão demoníaca no NT está vinculada com mutismo, com a gagueira ou com o espírito falando através da pessoa possessa.)

A linguagem é apenas a superfície do ser, sua morada erguida, sua possibilidade de estar em casa. A conquista foi muito além da destruição da linguagem. Ainda assim não destruiu o nível mais profundo no qual se embasa. O grito de maldição, como em Caliban, ainda está aí para indicar a possibilidade de reconstituir, de reconstruir esta morada que os estropiados da terra teimosamente insistem em erguer. Esta reconstrução é a condição de possibilidade para qualquer tarefa que se pretenda evangélica.

Quem alertou a teologia para este fato foi Paulo Freire, que colocou o “nomear seu mundo” como tarefa propedêutica da teologia. Mas também insere-se nesta busca o reconhecimento dos discursos dissimulados dos povos latino-americanos, na forma de causos, mitos e narrativas que reconstituem malhas culturais, ou melhor, assinalam formas de estruturação cultural que se encontram e subsistem nos solos das culturas. Esboços de teologias narrativas têm procurado a recuperação destas malhas formadoras de identidade.

A denúncia dos 500 anos resume-se a isto: o que não foi anunciado é o evangelho. Não por ter sido perdido, esquecido, ou dissimulado na empresa conquistadora, mas porque não foi encontrado — e nem poderia ser — no lado inverso da glória, nas máscaras e nas cruzes que continuam a nos surpreender como o modo em que Deus se deixa (des)conhecer. Depois de 500 anos a pergunta à Igreja é se ela ainda sabe que o gesto de acolher e dar voz aos estropiados ainda é uma prática de acolher anjos, como recomendava a primeira Igreja (Hb 13.2).

A seguir, a relação dos autores/artigos que abordam a temática:

Roberto E. Zwetsch: “Las Casas — um Profeta da Causa Indígena”.

O autor estuda a trajetória missionária de Bartolomé de Las Casas (1474-1566), frade dominicano, “Defensor Universal dos Povos Indígenas”, analisando mais detalhadamente seus dois escritos “Del único modo” (1537) e “Brevíssima relação da destruição das Índias” (1552). O estudo persegue o objetivo de avaliar se e em que sentido é correto falar-se de Las Casas como um dos primeiros teólogos da libertação.

Marlon R. Fluck: “Evangelização no Brasil Colônia (Séculos XVI e XVII)”.

O artigo descreve e analisa comparativamente 3 modelos missionários articulados no decorrer do processo de conquista e colonização do Brasil (séculos XVI e XVII): o de Manuel da Nóbrega (1º provincial jesuíta da América Latina), o do calvinismo francês (1557 e 1558) e o do calvinismo holandês (1630-1654). São três modelos de igreja de conquista. Todos eles levantam uma série de perguntas em relação à forma com a qual a evangelização se vinculou com a realidade social dos verdadeiros proprietários do país, as nações indígenas.

“III Consulta Ecumênica Latino-Americana de Pastoral Indígena”.

Estudos Teológicos apresenta a seus/suas leitores/as a declaração emitida pela III Consulta, ocorrida em São Paulo (18-23/01/91), tendo em vista seu caráter representativo e sua relevância para uma avaliação do presente e futuro da pastoral indígena em nosso continente.

Vítor Westhelle: “Missão e Poder”.

A relação entre evangelho e poder tem sido facilmente espiritualizada. O artigo de Westhelle levanta suspeitas em relação à emergência do tema missão no topo das agendas eclesiais, enquanto se rememoram os 500 anos de conluio entre cruz e espada. Sugere, a partir do exemplo de Jesus e da teologia da cruz, que uma atitude evangélica em relação ao poder não é nem a de uma ingênua resignação, nem de uma tática adaptação, mas de um ativo apoio à insurgência de poderes subalternos. Isto implica em discutir a questão da missão não a partida eclesiologia, mas da revelação.

Vítor Westhelle/Uwe Wegner